

---

JÚLIO POMAR

LUISA CUNHA

O MATERIAL NÃO AGUENTA

Texto **Ana Gonçalves**



---

Um dos objectivos programáticos fundamentais do Atelier-Museu Júlio Pomar é a criação de momentos de encontro entre a obra de Júlio Pomar e a contemporaneidade. A exposição *O material não aguenta*, que apresenta peças de Luisa Cunha em diálogo com obras de Júlio Pomar, dá continuidade a esse programa e foi a última pensada em vida do artista.

## PALAVRA IMAGEM PALAVRA OBJECTO PALAVRA SOM PALAVRA ESPAÇO...

### INTRODUÇÃO

#### ***O material não aguenta***

Um dos aspectos que parece ligar a obra de ambos reside no gosto pelos vários sentidos de uma mesma palavra ou frase, quer em português, quer noutras línguas, gerando humor e ambiguidade. É isto que permite que o visitante leia e interprete de diferentes formas o que está a ver. Por exemplo, *Obra com nível* (2011), de Luisa Cunha, parece relevar “do mesmo tipo de pensamento”, diz Sara Antónia Matos, que a obra *É uma pena* (2003), de Júlio Pomar. O título reafirma o que o observador encontra, enquanto, ao mesmo tempo, remete para outro universo de significados. Curiosamente, no caso de *Obra com nível*, este “universo” não será estranho ao próprio contexto de apresentação: a “obra” consiste num “nível” e, simultaneamente, é “com nível”, isto é, “de boa qualidade” (artística, depreende-se). Por outro lado, o “nível” é um instrumento usado “nas obras” (de construção civil, de marcenaria...)

É por causa de referências mais ou menos directas ao “mundo da arte”, como esta, que a curadora Sara Antónia Matos considera que a obra de Luisa Cunha opera frequentemente uma desconstrução dos protocolos institucionais – e nesse sentido, ela é *performativa* – criticando o que uma obra de arte deve ser ou como deve ser mostrada, e o que é esperado encontrar ou o que se pode e o que não se pode fazer num espaço de exposições...

O “poder” e o “dever”, em Luisa Cunha, parecem estar sempre sob um cuidadoso olhar perscrutador. E a artista serve-se das suas respostas e reacções emocionais como um escultor se serve do seu “material”.

## Luisa Cunha

Luisa Cunha nasceu em Lisboa, em 1949. Formou-se em Filologia Germânica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e começou a ensinar línguas no ensino secundário, tendo passado onze anos na ilha da Madeira, de onde regressou no final da década de 1980, por sentir que “as palavras já não lhe chegavam”.<sup>1</sup> O período após o seu regresso correspondeu a uma época de grande inquietação interior: a artista buscava uma outra linguagem, para além do “nome” e do “verbo”, que ela sentia, não apenas como uma limitação, mas como uma imposição. Sempre se interessara pela arte e pela organização de exposições e decidiu, por isso, inscrever-se no curso de Escultura do Ar.Co (Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa). Tinha 37 anos.

“(…) Tinha que converter a linguagem literária ou escrita na linguagem visual... (…) Sabia que isso tinha de acontecer. Mas não foi logo. Demorou uns três anos. (...) Tinha que encontrar uma linguagem. Era só isso. Não sabia como. Mas tinha que encontrar uma linguagem que fosse minha. Mais nada. E que não era escrita. (...)”<sup>2</sup>

**LUISA CUNHA**

*Obra com nível*

2011

Paralelepípedo de madeira (pinho) de secção rectangular,  
nível de 120 cm ROLSON amarelo

6 x 40 x 4,5 cm

Colecção Alberto Caetano

## PALAVRA-IMAGEM

“Talvez a redenção da imaginação esteja em aceitar o facto de que criamos muito do nosso mundo a partir do diálogo entre representações verbais e pictóricas, e que nossa tarefa não é renunciar a esse diálogo em favor de um ataque directo à natureza, mas ver que a natureza já faz parte da conversa.”

W. J. T. Mitchell <sup>3</sup>

“(…) é importante distinguir entre uma linguagem real, que são aquelas palavras que não me interessam, e a outra linguagem em que há qualquer coisa por trás, uma linguagem com sombra, que deixa sombra. (...)”

Luisa Cunha <sup>4</sup>



### Luisa Cunha, Desenhos, 1968-69

#### Júlio Pomar, *Estudos para O Mundo Desabitado* (De José Gomes Ferreira), 1960

Ainda criança, Luisa Cunha costumava dar grandes passeios com o seu avô, nos quais era convidada a observar com atenção tudo o que a rodeava. Ele era professor de Geometria Descritiva na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e os dois passavam tardes a fazer exercícios muito simples: ligar dois pontos a formar uma recta, ou três pontos a formar um plano... o que terá contribuído muito para o seu gosto pelo rigor e pela precisão.<sup>5</sup>

Com 16 anos, desenhava espontaneamente e pintava a óleo. Chegou mesmo a ganhar um prémio, enviando um desenho para um concurso do Diário de Lisboa onde, na altura, presidia à atribuição o jornalista Mário Castrim.<sup>6</sup>

Já na Faculdade, no final dos anos 1960, passava muito tempo também a desenhar. Desenhos morosos, meticolosos, feitos a tinta-da-China, figurativos, mas sem pretensão lógica ou narrativa. Mostram figuras surrealizantes e fantasmagóricas algumas, quasi-expressionistas outras, com pés e mãos grandes, que fazem lembrar os personagens de Pomar, nomeadamente n' *O Almoço do Trolha* (1946-50).

Frases poéticas invadem os desenhos, contaminando uma atmosfera já de si tendente ao absurdo, ao *non-sense*: “Deus é gordo e redondo”, “Deus é gordo, o melhor é não falarmos com ele”, “Também dizem que ele é azul” ou “E o deus gordo saberá descer escadas?”

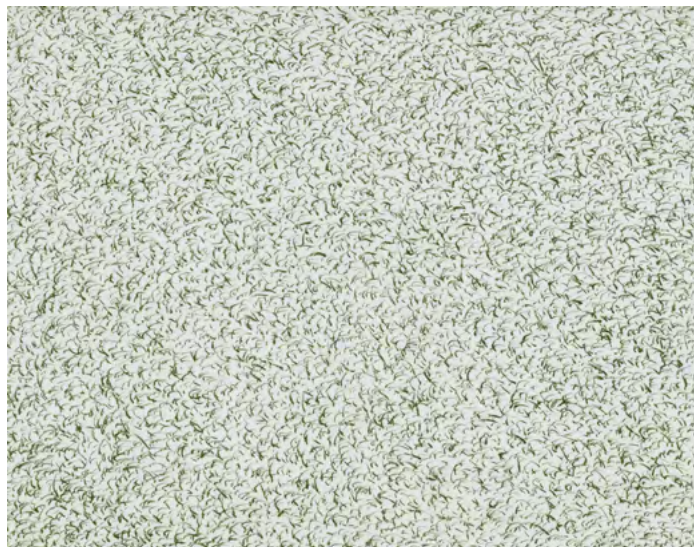
Nesta exposição, os desenhos de Luisa Cunha foram instalados junto a obras de Pomar, também dos anos 1960: duas ilustrações a tinta-da-china para *O Mundo Desabitado* (um pequeno conto de José Gomes Ferreira, de 1960) e duas obras intituladas *Casamento* (ambas de 1961), uma em gravura e outra em técnica mista.<sup>7</sup> Nestas obras, posteriores à sua fase neo-realista, adivinha-se o gosto pelo grotesco, o sinistro, o assustador e mesmo o “informe” da figuração, a que não será alheio o interesse do pintor pelo Goya da fase das “pinturas negras”.<sup>8</sup>



**LUISA CUNHA**  
Desenho  
1968/69  
Tinta-da-china sobre papel  
61 x 42,5 cm  
Colecção Ana Simões



**JÚLIO POMAR**  
*Estudo para O Mundo Desabitado,*  
*de José Gomes Ferreira*  
1960  
Tinta-da-china sobre papel  
25,5 x 35 cm  
Colecção Fundação Júlio Pomar/  
Acervo Atelier-Museu



(pormenor)  
**LUISA CUNHA**  
*Relva #1 - #18*  
 2005-2006  
 Pastel de óleo sobre papel  
 18 desenhos  
 70,3 x 100,1 cm (cada)  
 Colecção Figueiredo  
 Ribeiro – Quartel  
 da Arte Contemporânea  
 de Abrantes



**JÚLIO POMAR**  
*Cadernos de Figueiras*  
 s.d. (década de 60)  
 Tinta permanente sobre papel  
 20 x 25,5 cm  
 Colecção Fundação Júlio Pomar /  
 Acervo Atelier-Museu,  
 Inv. AMJP000360

### Luisa Cunha, *Relva #1 - #18*, 2005-2006

### Júlio Pomar, *Caderno das Figueiras*, s.d. década de 60

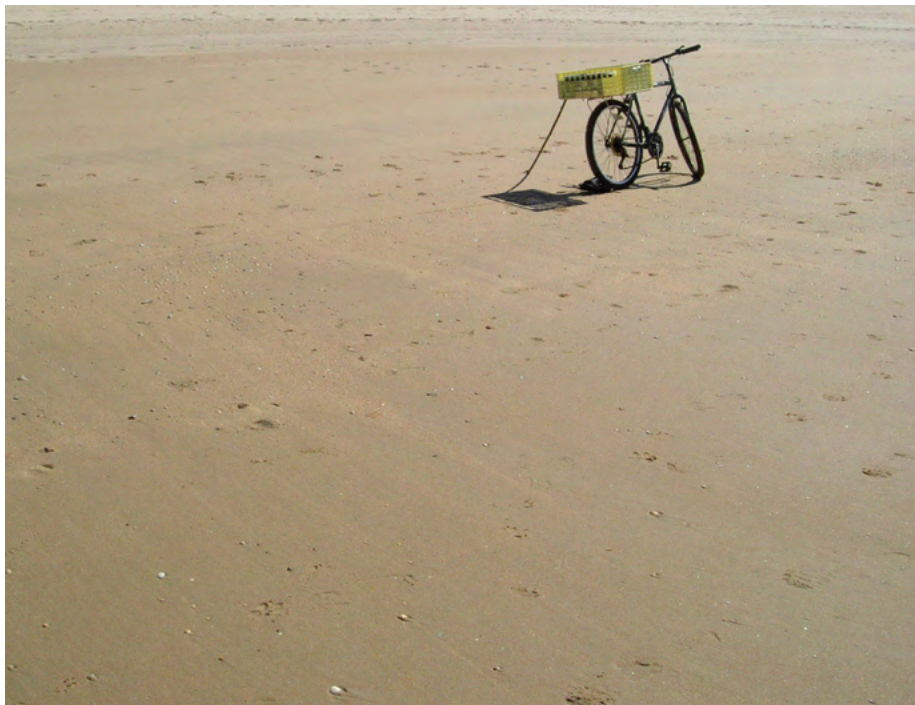
“Está tudo certo. Não há ali nada que esteja com uma intensidade diferente.”<sup>9</sup>

Os desenhos de *Relva* ocuparam Luisa Cunha antes e depois da sua participação na Bienal de Sidney, em 2004. Nesta exposição colectiva, de carácter internacional<sup>10</sup>, Luisa Cunha apresentou *Words for Gardens*, uma peça sonora que os visitantes escutavam a partir de auriculares, sentados num banco dos *Royal Botanical Gardens* da cidade.

O texto desta peça começa com uma constatação: “You cannot draw.” (Tu não sabes – ou tu não podes – desenhar) Mas, à medida que prossegue, as palavras descrevem o próprio acto de desenhar a relva (*grass*, em inglês), contradizendo assim a afirmação inicial:

«(...) Relva. Tu podes desenhar relva. Em folhas de papel sem fim. Começando onde quiseses. Não importa. Indo onde quer que queiras. Não importa. Toca na superfície do papel com um movimento rápido e intenso da tua mão. Espera no ponto de contacto. Tu percebes o que acabaste de fazer e dizes: “Eu desenhei um ponto. Estou preso/a a este ponto. Para onde vou a partir daqui? Toma qualquer direcção. Deixa a intensidade do teu gesto desaparecer, deixando para trás uma linha ligeiramente desbotada e levemente curva. Desenha outro ponto intenso. Deixa-o desaparecer ao longo de outra linha desbotada e levemente curva projectada noutra direcção. E outro ponto intenso desaparecendo ao longo de outra linha ligeiramente curva agora projectada noutra direcção. E outro ponto ao longo de outra linha em qualquer outra direcção. E outro ponto e outra linha novamente noutra direcção. E de novo, e de novo, e de novo. (...)»<sup>11</sup>

Nesta exposição, os desenhos da série *Relva* “dialogam” com os desenhos do *Caderno das Figueiras* de Júlio Pomar, já apresentados no Atelier-Museu em outras ocasiões.<sup>12</sup>



(pormenor)

**LUISA CUNHA**

*Side by side*

12006-2007

C-print

14 elementos / 10 x 15 cm (cada)

Colecção da artista

**Luisa Cunha, *Side by Side*, 2006-2007**

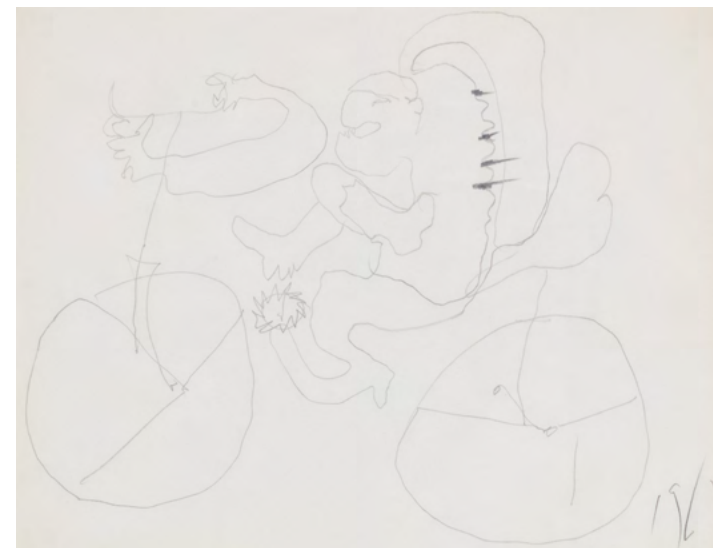
**Júlio Pomar, *Engraçadinho de Bicicleta*, 1963**

Ao longo dos últimos anos, Luisa Cunha tem apresentado várias séries de fotografias.<sup>13</sup>

Na série *Side by Side*, o objecto fotografado é sempre o mesmo – uma bicicleta – que ocupa, em cada imagem, uma posição ligeiramente diferente da anterior no plano de representação, como numa sequência fílmica.

Agrada-lhe a forma geométrica do conjunto (o objecto e a sua sombra) e também o carácter de “apontamento” que o mesmo representa na paisagem.

Nesta exposição, o *Engraçadinho de bicicleta* (1963) de Júlio Pomar é apresentado pela primeira vez.



**JÚLIO POMAR**

*Engraçadinho  
de bicicleta*

1963

Grafite sobre papel

27 x 20,5 cm

Colecção Fundação

Júlio Pomar /

Acervo Atelier-Museu

Inv. AMJP000213

## PALAVRA-OBJECTO

“(...) Longe vão os dias em que a mestria do sujeito sobre o mundo dos objectos e das coisas permitiria a este ou a esta distanciar-se permanentemente. Como os objectos, desde a informação financeira até às embalagens de comida, retornam sempre transformados, infinitamente reciclados e reconsumidos, a fronteira antes estável entre objecto e sujeito mostra-se cada vez mais falível (...). (...) (E)nquanto sujeitos participantes em redes de objectos cada vez mais densas e voláteis, parecemos prontos a voltar-nos para eles para lições sobre como viver, socializar e organizar-nos publica e privadamente. (...)”

Anthony Hudek<sup>14</sup>

“(...) Nas artes há uma coisa qualquer para mostrar... (...) Mas... na minha cabeça era sempre o objecto... Não era o papel outra vez, era o objecto... (...)”

Luisa Cunha<sup>15</sup>

### Luisa Cunha, 02:13 , 2018

Luisa Cunha concebeu duas obras propositadamente para esta ocasião. Uma delas é 02:13. Deve ler-se: duas horas e treze minutos, que o visitante não deixará de associar ao que está à sua frente: um lençol de banho branco, de tipo turco, e um cabide de plástico preto.

“Implica tempo... portanto, pus aquele tempo...”, diz Luisa Cunha.<sup>16</sup>

Perante a relação, tão improvável quanto enviesada, entre o que é lido e o que é observado, fica-se certamente com mais perguntas do que respostas.

Para a artista, “quem vê é que sabe...”<sup>17</sup> Não obstante, a curadora da exposição considera que se trata, aqui, de mais uma operação “performativa”, desconstrutiva dos protocolos institucionais (como já referido, a propósito de *Obra com nível*): instalar no espaço da galeria dois objectos “improváveis”, dada a sua estreita relação com o corpo e a intimidade dos gestos (limpar-se, despir-se...)



**LUISA CUNHA**  
02:13  
2018  
Cabide preto de madeira,  
toalha de banho branca  
90 x 50 cm, dimensões variáveis  
Coleção da artista

### Luisa Cunha, *Straight to the Point*, 1993

“Directo ao assunto.” Assim se poderia traduzir o título desta obra de Luisa Cunha composta por um único objecto, um aquecedor instalado no pequeno pátio de acesso ao Atelier-Museu. O calor que ele emite, porém, não é “directo”, não viaja em linha recta, antes se propaga em todas as direcções, dispersando-se pela atmosfera. Assim, o movimento energético da radiação desobedece claramente ao que o título enuncia, numa espécie de “rebeldia” face às expectativas, tanto dos visitantes como da instituição que acolhe a obra.

### Luisa Cunha, *Dirty Mind*, 1995

*Dirty Mind* é uma peça composta também por um único objecto, o qual se faz acompanhar pelo som de um altifalante. A obra resultou de uma encomenda do curador João Fernandes a Luisa Cunha, e integrou a iniciativa “Peninsulares”, no início da década de 1990.<sup>18</sup>

O som desta peça, mecanizado, inexpressivo e repetitivo (uma das raras ocasiões em que a artista recorreu a uma voz artificialmente criada) interpela directamente o visitante (“I saw you...”) parecendo descrever o percurso que este acaba de fazer, na sua direcção. Este confronta-se, assim, não apenas com o que lhe é dito mas com o próprio objecto através do qual o acto de ver a que a voz se refere, supostamente, se consumou: um estore de PVC vermelho, levemente entreaberto numa das suas fitas, à altura média dos olhos de uma pessoa adulta e convidando a espreitar.

Instalado, qual pintura monocromática, numa das paredes do “cubo branco” (a galeria ou o museu) o objecto nada deixa ver para além de si senão a própria parede, devolvendo assim o visitante à sua condição de observador-voyeur.

**LUISA CUNHA**  
*Straight to the point*  
 1993  
 Instalação, aquecedor  
 a óleo c/ rodas (10 placas),  
 cabo eléctrico  
 Colecção Ar.Co - Centro  
 de Arte e Comunicação  
 Visual, Inv.412



**LUISA CUNHA**  
*Dirty Mind*  
 1995  
 Estore vermelho em PVC,  
 altifalante, voz gravada  
 reproduzindo texto em Inglês  
 161 x 175 x 5 cm, 13", loop  
 Colecção Ministério  
 da Cultura - SEC



**Luisa Cunha, *Senhora!*, 2010**

**Júlio Pomar, *Desenhos para Guerra e Paz* de Tolstói, 1956-1958**

Mesmo nas obras em que o “material” é reduzido ao mínimo, o objecto está presente. Assim acontece com quase todas as peças sonoras de Luisa Cunha, em que é visível, pelo menos, um altifalante e o respectivo cabo de ligação.

Em *Senhora!* a coluna de som assume um carácter quase escultórico, geométrico. Parcialmente revestida com um tecido de tule vermelho, parece evocar o carácter provocador, indecoroso ou impróprio do “não-dito” que a peça refere (“Toda a gente sabe!...”).

Não deve deixar de mencionar-se uma certa predilecção da artista pela cor vermelha, presente em *Dirty Mind* mas também em obras apresentadas noutros contextos, tais como *The Red Phone* (uma peça sonora apresentada no Museu das Comunicações, em Lisboa, em 2007) e *Red* (uma intervenção no espaço *A Certain Lack of Coherence*, no Porto, em 2010).<sup>19</sup>

Nesta exposição, *Senhora!* foi instalada próximo de duas ilustrações de Júlio Pomar, realizadas para o clássico da literatura do século XIX, *Guerra e Paz*, de Lev Tolstói (1867), onde mulheres surgem representadas.<sup>20</sup>



**LUISA CUNHA**

*Senhora!*

2010

Coluna de som, cobertura vermelha, voz gravada reproduzindo texto em Português

14,7 x 24,3 x 13,3 cm, loop

Fundação Calouste Gulbenkian – Colecção Moderna, Inv. 13E1746

**JÚLIO POMAR***Desenhos para Guerra e Paz de Tolstói*

1956-58

Pincel e tinta-da-china sobre papel

27 x 20,5 cm

Colecção Fundação Júlio Pomar / Acervo Atelier-Museu,

Inv. AMJP000407

**JÚLIO POMAR***Desenhos para Guerra e Paz de Tolstói*

1956-58

Pincel e tinta-da-china sobre papel

27 x 20,5 cm

Colecção Fundação Júlio Pomar / Acervo Atelier-Museu,

Inv. AMJP000407

## PALAVRA-SOM

“(…) Em vez de se mover da origem para o destino, como uma carta ou um míssil, o som difunde-se em todas as direcções, como um gás. Ao contrário da luz, o som circula nas esquinas. As obras sonoras tornam-nos conscientes da ênfase contínua na divisão e na partição que continua a existir mesmo no espaço da galeria mais radicalmente polimorfo, porque o som espalha-se e vaza, como o odor. (...)”

“A artes sonora constitui a tentativa mais potente de dissolver ou superar o objecto que tem estado tão em evidência entre os artistas, desde o dadaísmo nos anos 1920. E, no entanto, a galeria ou o museu parecem fornecer uma espécie de enquadramento ou matriz necessária, um *habitat* ou ambiente, no qual a arte pode preencher a sua estranha vocação contemporânea de não estar exactamente lá ”.

Steven Connor<sup>21</sup>

“(…) Quando estou a pronunciar as palavras estou a ver imagens e as palavras produzem um certo tipo de som. Se não for eu a dizê-las não existem aquelas imagens, se não houver precisamente aquelas imagens não há som, não há obra.”

Luisa Cunha<sup>22</sup>

Luisa Cunha, *Drop the Bomb!*, 1994

Júlio Pomar, *Mulheres Fugindo (a bomba atômica)*, 1951

Júlio Pomar, *Resistência*, 1946

“As palavras podem ser de facto bombas. E eu exploro muito isso. Sintetizo a realidade às vezes através de uma frase ou de uma palavra.”<sup>23</sup>

*Drop the Bomb!* (1994) foi uma das primeiras obras sonoras de Luisa Cunha. Os elementos visuais que a constituem são mínimos, mas suficientemente evidentes para se fazerem notar. Com efeito, no Atelier-Museu Júlio Pomar (como anteriormente, em Serralves) esta obra foi instalada num local destinado à conversação (com duas cadeiras, voltadas uma para a outra), sendo o transmissor do som colocado um pouco acima do rosto do(s) visitante(s) sentado(s).



**LUISA CUNHA**  
*Drop the bomb!*  
1994  
Altifalante, cabo áudio,  
voz gravada reproduzindo  
texto em Inglês  
53' 54" (loop)  
Colecção Caixa Geral  
de Depósitos, Inv.599378

Tal como em muitas obras da artista, a frase “drop the bomb” abre-se a leituras diversas, para o que as várias inflexões da voz escutada (a voz da artista) muito contribuem. Ao longo do tempo de escuta, a expressão tanto adquire um tom sugestivo, como ganha uma coloração violenta, como se desprende totalmente do sentido das palavras proferidas.

Nesta exposição, a obra foi colocada em diálogo com uma gravura de Júlio Pomar intitulada *Mulheres Fugindo (a bomba atômica)*, de 1951. Executada seis anos após o lançamento de duas bombas atômicas pelos Estados Unidos da América no Japão (em Hiroshima e Nagasaki), esta imagem reflecte e representa o clima de terror e de perplexidade que se seguiu a esse episódio trágico.



**JÚLIO POMAR**  
*Mulheres Fugindo  
(a bomba atômica)*  
1951  
Linóleo  
56 x 67 cm  
Colecção Fundação Júlio  
Pomar / Acervo Atelier-  
-Museu, Inv. AMJP000239

A pintura *Resistência*, realizada pelo artista em 1946, foi uma escolha de Luisa Cunha para esta exposição. Com efeito, a cor e a expressividade da obra contrastam fortemente com a contenção formal e a economia de meios da artista, evidenciando assim os modos distintos de fazer dos dois artistas. É possível reconhecer, contudo, nos capacetes dos soldados, a forma esférica de uma “bomba”.



**JÚLIO POMAR**  
*Resistência*  
 Óleo sobre madeira  
 33 x 73 cm  
 Colecção do Museu de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa (doado pelo artista)  
 Em depósito no Atelier-Museu Júlio Pomar/EGEAC

### Luisa Cunha, *Field of View*, 2010

“Tento introduzir-me, tento dialogar anonimamente, e de uma maneira que às vezes até parece formal, sem agredir a pessoa, mas colocando questões mínimas, muito físicas...”<sup>24</sup>

No espaço do Atelier-Museu, *Field of View* (Campo de Visão), foi instalada no espaço de entrada, muito próximo das estantes com livros que se encontram à venda. Um local onde é costume acumularem-se visitantes (à chegada ou à saída) e onde podem ocorrer impedimentos de várias ordens (de visão, de circulação).

“É tudo com muita pena, muitas peninhas, muita plumagem...”<sup>25</sup> É assim que Luisa Cunha descreve a delicadeza que imprime à sua voz, nesta peça que interpela directamente o visitante, convidando-o a mover-se, a afastar-se ligeiramente para o lado, para que o seu interlocutor (invisível) possa “ver”.

“É uma peça que tem a ver com a observação”, diz.<sup>26</sup> Poderia acrescentar-se: de uma exposição, ou uma estante de livros, num museu, numa galeria ou numa loja. Neste sentido, a peça contribui para que o visitante tome consciência do espaço que o seu corpo ocupa e, ao mesmo tempo, das “boas-maneiras” que é suposto aplicar socialmente.

## PALAVRA-ESPAÇO

“(...) O espaço era muito importante...  
Aliás, tudo tem a ver com o espaço,  
o percurso tem espaço... (...)”

Luisa Cunha<sup>27</sup>



### LUISA CUNHA

*Hello!*

1994

Instalação, espelhos,  
altifalantes, voz gravada  
reproduzindo texto em Inglês,  
papel kraft

17 x 12,5 x 5 cm, dimensões  
variáveis, loop

Fundação Calouste  
Gulbenkian – Coleção  
Moderna, Inv. 10E1630

### Luisa Cunha, *Hello!*, 1994

“(...) (A)o mesmo tempo, meter na galeria um bocadinho de erotismo, mas sem ser intencional, é que aquilo sai logo, apetece logo romper e virar as coisas de pernas para o ar...”<sup>28</sup>

“(...) Fascinam-me as fronteiras que as pessoas estabelecem entre o privado e o público e, como eu não tenho fronteiras, rompo-as. (...)”<sup>29</sup>

Pertencente à colecção moderna do Museu Gulbenkian, esta obra desestabiliza fortemente as expectativas do visitante, desde logo por estar instalada num espaço íntimo, uma casa de banho. À chegada, o visitante é impedido de se ver ao espelho (coberto por papel de embrulho castanho) e depois, no cubículo de acesso à sanita, é interpelado por uma voz que o saúda e lhe pergunta se “está aí”, se “pode ouvi-la”, como quem fala do outro lado de uma linha telefónica.

A peça segue a mesma “lógica sonora” patente em obras como *Dirty Mind* (1995), *Field of View* (2010) e *Senhora!* (2010), as quais confrontam directamente o observador, levando-o a tomar consciência de limites e convenções, quer no plano íntimo, quer no espaço social.

“Eu e o espelho somos amigos íntimos”, diz Luisa Cunha.<sup>30</sup>

### Luisa Cunha, *Diário, pág. 0*, 2000

No ano 2000, Luisa Cunha dinamizou um projecto que envolveu professores-artistas de várias zonas do país, convidando-os a criar obras e a propor acções, desenvolvidas ao longo de um ano inteiro no Liceu Passos Manuel onde, na altura, ensinava. A peça *Diário, pág. 0*, de novo instalada num corredor desta escola, foi um dos seus múltiplos contributos para o projecto. Consiste em duas frases, nas quais se lê: “Este corredor tem 50 metros. Este corredor não tem 50 metros”.

O carácter aparentemente absurdo do texto, em que o sentido da primeira frase é negado pelo da segunda, pode fazer-nos pensar na relação sempre tensa, tanto na arquitectura como na própria linguagem, entre “precisão” e “imprecisão”, “rigor” e “realidade”. Por outro lado, o absurdo é gerador de humor... Na verdade, o que significa, uma coisa e outra? Poderá um texto esvaziar-se totalmente de sentido?

### Luisa Cunha, *Até Aqui*, 2018

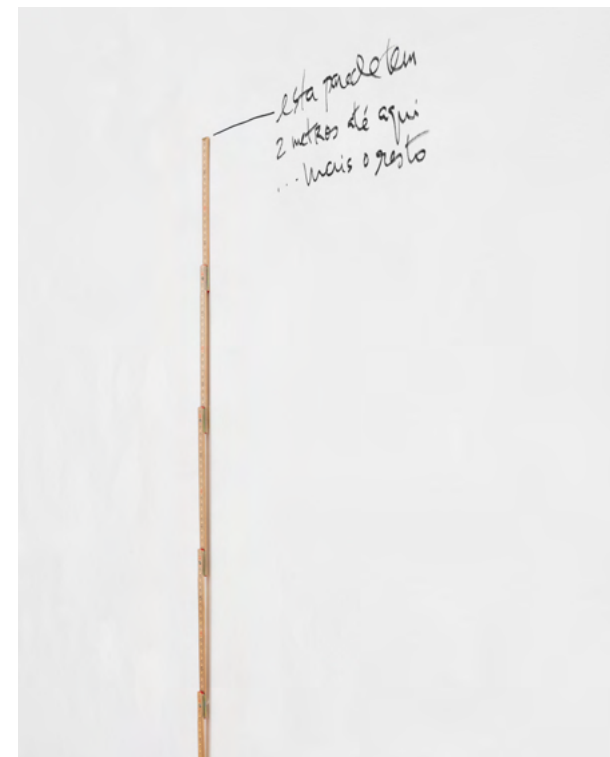
*Até Aqui* é uma obra que Luisa Cunha concebeu também para a actual exposição no Atelier-Museu. Tal como *Diário, pág. 0*, ela estabelece uma relação íntima com a arquitectura. Consiste na instalação de um “metro” de carpinteiro directamente na parede, numa vertical que “rasga” o rodapé do edifício, expondo a sua morfologia. Em letras manuscritas lê-se: “Esta parede tem dois metros até aqui, mais o resto.”

Não há mais nada a declarar. “It is what it is” (É o que é), como na série de fotografias do mar.<sup>31</sup>

### Luisa Cunha, *CV*, 2018

Luisa Cunha diz que a obra *CV* (*Curriculum Vitae*) é “a sua paisagem”. Sobre ela, a artista diz ainda:

“(...) pedem-me o currículo, e eu mando o currículo todo... depois dizem-me: ‘não sei quantas linhas’ (...) e depois aparecem cinco linhas... (...) é que aquilo dá um trabalhão... que exposições escolher, fazer o quê? (...) eu acabei por... ‘não interessa as exposições, eu quero lá saber das exposições, porque não interessam para nada, eu não vou escolher, tirar umas e pôr outras’... Uma vez mandei assim...”<sup>32</sup>



**LUISA CUNHA**  
*Até aqui*  
 2018  
 Metro de madeira de  
 carpinteiro e frase  
 manuscrita à mão  
 200 x 2 cm  
 Coleção da artista

## NOTAS

1 “(...) Tive absoluta certeza que só as palavras não me chegavam. Lembro-me de na altura existirem dentro de mim frases do tipo: “não me chegam as palavras”, “tenho de inventar uma nova linguagem”. E vi nas imagens o silêncio que precisava para mim.” Entrevista de Nuno Crespo a Luisa Cunha (2008).

2 Luisa Cunha, em conversa com a equipa do Atelier-Museu Júlio Pomar, em 2018-10-17.

3 W. J. T. Mitchell, “What is an Image?”, in *New Literary History*, Vol. 15, No. 3, *Image/Imago/Imagination* (Spring, 1984), pp. 503-537. Tradução livre de Ana Gonçalves.

4 Entrevista de Nuno Crespo a Luisa Cunha (2008).

5 *Ibidem*.

6 O recorte de jornal com a reprodução desse desenho está presente nesta exposição.

7 Para saber mais acerca destas obras, v. *Júlio Pomar, Edição & Utopia. Obra Gráfica de Júlio Pomar* (catálogo da exposição). *Cadernos do Atelier-Museu Júlio Pomar*. Lisboa: Documenta e *O Mundo Habitado. Obras do Acervo do Atelier-Museu Júlio Pomar*. Anadia: Edição do Museu do Vinho da Bairrada e do Atelier-Museu Júlio Pomar.

8 As assim chamadas “Pinturas Negras”, foram realizadas por Francisco de Goya y Lucientes (n.1746-m.1828) entre 1819 e 1823. Trata-se de uma série de catorze pinturas executadas directamente a óleo sobre o estuque das paredes da residência do pintor. Posteriormente, e já depois da sua morte, foram transferidas para tela, encontrando-se actualmente em exposição permanente no Museu do Prado, em Madrid.

9 Luisa Cunha, em conversa com a equipa do Atelier-Museu Júlio Pomar, em 2018-10-17.

10 A Bienal de Sidney de 2004 contou com a direcção artística da curadora portuguesa Isabel Carlos.

11 Tradução livre de Ana Gonçalves. O texto completo de *Words for Gardens* encontra-se disponível no catálogo da exposição com o mesmo título, que decorreu entre 17-03-2006 e 26-05-2006, na Galeria Chiado 8 – Arte Contemporânea. V. o texto de Ricardo Nicolau para o mesmo catálogo “Fazer Coisas com as Palavras”.

12 Os desenhos do *Caderno das Figueiras* (s.d. década de 1960) foram anteriormente apresentados nas exposições *Caveiras, casas, pedras e uma figueira* (de 01-11-2013 a 16-02-2014) e *Desenhar* (de 08-10-2015 a 21-02-2016) do Atelier-Museu Júlio Pomar, com curadoria de Delfim Sardo e Sara Antónia Matos, respectivamente.

13 As séries *Ongoing Landscapes* e *It is What it is* foram

ambas apresentadas na Galeria Miguel Nabinho, em 2013 e 2015, respectivamente.

14 Anthony Hudek, “Introduction: Detours of Objects”, in Hudek, Anthony (2014) (editado por), *The Object*. Londres: *The Whitechappel Gallery*. Cambridge, MA: The MIT Press, pp. 14-27. Tradução livre de Ana Gonçalves.

15 Luisa Cunha, em conversa com a equipa do Atelier-Museu Júlio Pomar, em 2018-10-17.

16 *Ibidem*.

17 *Ibidem*.

18 A iniciativa *Peninsulares*, organizada pelo curador João Fernandes na primeira metade da década de 1990, cruzava mais de quarenta artistas portugueses e espanhóis e quatro galerias de cada país.

19 Sobre estas obras, v. o sitio oficial da artista na Internet. Disponível em: [www.luisacunha.com](http://www.luisacunha.com).

20 As ilustrações para *Guerra e Paz* foram realizadas por Júlio Pomar entre 1956 e 1958. As que se podem ver nesta exposição constituem variações wdo mesmo tema e podem intitular-se “Preparando-se para o baile.” V. *Júlio Pomar. Desenhos para Guerra e Paz de Tolstoi*. Lisboa: Arte Mágica Editores, 2003.

21 Steven Connor: “Ears Have Walls: On Hearing Art”, uma palestra realizada no contexto da série *Bodily Knowledges: Challenging Ocularcentricity* na Tate Modern, em 21 de Fevereiro de 2003. Texto publicado na revista FO A RM, 4 (2005), pp. 48-57. Tradução livre de Ana Gonçalves.

22 Entrevista de Nuno Crespo a Luisa Cunha (2008).

23 Entrevista concedida à jornalista Cláudia Almeida, programa Câmara Clara, emissão de 29/07/2007.

24 *Ibidem*.

25 Luisa Cunha, em conversa com a equipa do Atelier-Museu Júlio Pomar, em 2018-10-17.

26 *Ibidem*.

27 *Ibidem*.

28 Entrevista concedida à jornalista Cláudia Almeida, programa Câmara Clara, emissão de 29/07/2007.

29 Entrevista de Nuno Crespo a Luisa Cunha (2008).

30 *Ibidem*.

31 Esta série de fotografias foi apresentada na exposição individual de Luisa Cunha *A Bit of Matter and a Little Bit More*, na Galeria Miguel Nabinho, Lisboa, 2015.

32 Luisa Cunha, em conversa com a equipa do Atelier-Museu Júlio Pomar, em 2018-10-17.

## REFERÊNCIAS

### Textos

Connor, Steven (2003): “Ears Have Walls: On Hearing Art”, uma palestra realizada no contexto da série *Bodily Knowledges: Challenging Ocularcentricity* na Tate Modern, em 21 de Fevereiro de 2003. Texto publicado na revista FO A RM, 4 (2005), pp. 48-57. Disponível em: <http://www.stevenconnor.com/earshavewalls/> Consultado em: 2018-11-27

Hudek, Anthony (2014), “Introduction: Detours of Objects”, in Hudek, Anthony (editado por), *The Object. Documents of Contemporary Art*. Londres: The Whitechappel Gallery. Cambridge, MA: The MIT Press, pp. 14-27.

Mitchell, W. J. T. (1984), “What is an Image?”, in *New Literary History*, Vol. 15, No. 3, *Image/Imago/Imagination* (Spring, 1984), pp. 503-537.

Nicolau, Ricardo (2006), “Fazer coisas com as palavras”, in *Luisa Cunha. Words for Gardens*, Galeria Chiado 8 – Arte Contemporânea, Lisboa.

Wandschneider, Miguel (2007), “What’s Behind That Curtain?” Disponível em: [http://www.luisacunha.com/assets/2007\\_on\\_whats\\_behind\\_that\\_curtain\\_miguel\\_wandschneider.pdf](http://www.luisacunha.com/assets/2007_on_whats_behind_that_curtain_miguel_wandschneider.pdf) Consultado em: 2018-11-27

### Álbuns

2003

Júlio Pomar. *Desenhos para Guerra e Paz de Tolstoi*. Lisboa: Arte Mágica Editores.

### Entrevistas

2007

Entrevista concedida à jornalista Cláudia Almeida, programa Câmara Clara, emissão de 29/07/2007, RTP 2, Lisboa, Portugal, min 50:00 a 52:20. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/manuela-de-melo-e-fernando-lobes/> Consultado em: 2018-11-27

2008

Entrevista de Nuno Crespo a Luisa Cunha. Disponível em: [http://www.luisacunha.com/assets/2008\\_um-universo\\_nuno-crespo.pdf](http://www.luisacunha.com/assets/2008_um-universo_nuno-crespo.pdf) Consultado em: 2018-11-27.

2015

Vídeo com testemunho de Luisa Cunha, a propósito da série de fotografias *Ongoing Landscapes*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ITi9S2upieQ> Consultado em: 2018-11-27

### Catálogos de Exposições

2006

*Luisa Cunha. Words for Gardens*, Galeria Chiado 8 – Arte Contemporânea, Lisboa.

2015

*Júlio Pomar, Edição & Utopia. Obra Gráfica de Júlio Pomar* (catálogo da exposição). *Cadernos do Atelier-Museu Júlio Pomar*. Lisboa: Documenta

2016

*O Mundo Habitado*. Obras do Acervo do Atelier-Museu Júlio Pomar. Anadia: Edição do Museu do Vinho da Bairrada e do Atelier-Museu Júlio Pomar.

---

## ATELIER-MUSEU JÚLIO POMAR

Directora, Curadora

Sara Antónia Matos

Adjuntos de Direcção

Graça Rodrigues

Pedro Faro

(Adj. Direcção Artística)

Conservação e Produção

Sara Antónia Matos

Graça Rodrigues

Pedro Faro

Hugo Dinis

Joana Batel

Comunicação

Graça Rodrigues

Assessoria de Imprensa

Pedro Faro

Hugo Dinis

Investigação

Sara Antónia Matos

Pedro Faro

Hugo Dinis

Coordenação Editorial

Sara Antónia Matos

Serviços Administrativos

Isabel Marques

Teresa Cardoso

Apoio ao Serviço Educativo

Teresa Cardoso

---

## PUBLICAÇÃO

Concepção, Coordenação

Graça Rodrigues, Hugo Dinis

Texto

© Ana Gonçalves

Revisão

Graça Rodrigues

Design Gráfico

Tempora Design

Fotografias

© António Jorge Silva

Tradução

KennisTranslations

Tiragem

500 exemplares | copies

Depósito Legal

451060/19

Impressão e Acabamento

Tipografia Lessa

1.ª Edição, Dezembro de 2018

© Atelier-Museu Júlio Pomar 2018

Atelier-Museu Júlio Pomar / EGEAC

Rua Do Vale, 7

1200-472 Lisboa

Portugal

Tel + 351 215 880 793